



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
TECNOLOGIA CAMPUS XVIII – LETRAS**

**CAMPOS SEMÂNTICOS DE LIBERDADE E PRISÃO:
UM ESTUDO DE METÁFORAS NO POEMA “LÁ FORA” DE ANA
CRISTINA CÉSAR**

GRACIELI BATISTA SANTOS

EUNÁPOLIS – BA
2023

GRACIELI BATISTA SANTOS

**CAMPOS SEMÂNTICOS DE LIBERDADE E PRISÃO:
UM ESTUDO DE METÁFORAS NO POEMA “LÁ FORA”
DE ANA CRISTINA CÉSAR**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Letras Vernáculas do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVIII, a ser utilizada como Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador(a): Prof^a. Esp. Lícia da Silva Sobral

EUNÁPOLIS – BA
2023



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS XVIII – EUNÁPOLIS
COLEGIADO DE LETRAS

Ata da Sessão de Defesa Pública de Monografia
do Curso de Graduação em Letras.

Ao décimo segundo dia do mês de dezembro de dois mil e vinte e três, com início às 16:40 horas, realizou-se no auditório da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XVIII*, na cidade de Eunápolis (BA) a sessão para a defesa pública da monografia do discente **Gracieli Batista Santos**, intitulada “**Campos Semânticos de Liberdade e Prisão: Um Estudo de Metáforas no Poema “Lá Fora” de Ana Cristina César.**”, Presidida pelo Professora Lícia da Silva Sobral, na qualidade de orientadora, que, por sua vez, passou a palavra para a primeira examinadora, Profa. Mestre Irlena Moreira Lopes de Sousa, que discutiu e levantou questões relevantes para a monografia. O mesmo aconteceu com o segundo examinador, Prof. Mestre Marcelo Nascimento Dias. Em seguida o Professora Lícia da Silva Sobral, presidente da banca, teceu comentários sobre o trabalho apresentado e sobre o desempenho de sua orientanda. Encerrada a apresentação, a banca decidiu APROVAR a discente, considerando que foram atendidas as exigências das normas que regulam a apresentação da defesa de monografia do Curso de Licenciatura em Letras da UNEB *Campus XVIII*. Após análise e avaliação, a Banca Examinadora avaliou o trabalho com a Nota Final 9,0.

Eunápolis-Ba, 11 de dezembro de 2023.

Professora Lícia da Silva Sobral
Orientador
Universidade do Estado da Bahia

Profa. Me. Irlena Moreira Lopes de Sousa
Examinadora
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Me. Marcelo Nascimento Dias
Examinador
Universidade do Estado da Bahia

*Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que
você não conhece como eu mergulhei. Não se
preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer
entendimento.*

- Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me fortalecido até aqui, ajudado a superar meus medos (ou pelo menos tentado) e me permitido finalizar este trabalho, assim como todos os outros. Diante das várias provações do universo acadêmico, Ele me permitiu realizar um sonho, concretizando essa conquista. Conseguir concluir o ensino superior em uma instituição pública é algo valioso e gratificante.

Expresso minha gratidão especial à minha mãe, Valdirene, que sempre esteve disposta a ouvir meus lamentos. À minha irmã, aos meus filhos e ao meu marido, que suportaram esses processos juntos comigo, também vai o meu agradecimento. A vida universitária não foi fácil, e devido à sobrecarga emocional, confesso que, por diversas vezes, extrapolei os limites. Eles conseguiram compreender e me apoiar.

Registro minha gratidão à Prof.^a Lícia Sobral, minha orientadora, pelos direcionamentos, ensinamentos e paciência durante a produção da monografia, pelas correções e estímulo ao pensamento crítico, bem como pelo discernimento ao delimitar o que realmente era necessário para este momento.

Aos meus colegas e professores, deixo minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, participaram da minha vida acadêmica. É com muita alegria que encerro mais um ciclo.

RESUMO

O conceito de literatura marginal corresponde a um espaço de produções literárias que surgem em torno da discussão de temas relacionados ao cotidiano, vivenciados pelo próprio autor. Essas produções refletem verdades inseridas em contextos sociais específicos. A obra de Ana Cristina é constituída por elementos que resgatam o tempo vivido, as relações sociais do feminino com um período histórico, bem como a realidade da autora inserida nesses contextos. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, o corpus a ser analisado insere-se na realidade social e histórica da autora. Para isso, foram utilizados os trabalhos de Gonçalves (2008), Silva (2010) e Moira (2014). Na análise linguística presente na construção do poema, as relações da língua e as palavras entrelaçam-se em significados inerentes aos contextos vivenciados pela autora. O objetivo é compreender as metáforas presentes no texto e relacioná-las com os campos semânticos representativos do poema. Na construção dos campos semânticos, observaram-se as metáforas que conduzem ao entendimento do poema e sua relação com os significados propostos na análise. Para esse empreendimento, foram utilizadas as teorias e conceitos propostos por Ullmann (1977), Fiorin (2008), Rocha Lima (2011) e Abrahão (2018), com o objetivo de analisar o poema e seus significados no contexto do feminismo da época da autora.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Campos Semânticos. Metáforas

ABSTRACT

The concept of marginal literature corresponds to a space of literary productions that arise around the discussion of themes related to everyday life, experienced by the author himself. These productions reflect truths inserted in specific social contexts. Ana Cristina's work is made up of elements that recapture the time lived, the social relations of the feminine with a historical period, as well as the reality of the author inserted in these contexts. As this is qualitative research, the corpus to be analyzed is inserted in the social and historical reality of the author. To this end, the works of Gonçalves (2008), Silva (2010) and Moira (2014) were used. In the linguistic analysis present in the construction of the poem, the relationships between language and words are intertwined in meanings inherent to the contexts experienced by the author. The aim is to understand the metaphors present in the text and relate them to the poem's representative semantic fields. In constructing the semantic fields, we observed the metaphors that lead to an understanding of the poem and their relationship with the meanings proposed in the analysis. To do this, we used the theories and concepts proposed by Ullmann (1977), Fiorin (2008), Rocha Lima (2011) and Abrahão (2018), with the aim of analyzing the poem and its meanings in the context of feminism at the time of the author.

KEYWORDS: Feminism. Semantic Fields. Metaphors

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO O OBJETO	11
2.1	LITERATURA MARGINAL	11
2.2	ANA CRISTINA CÉSAR	12
2.2.1	A teus pés	13
2.2.2	Ana Cristina e o Movimento Feminista	14
2.3	FEMINISMO UM POUCO DE HISTÓRIA	19
3	CAPÍTULO II – CAMINHOS PARA ANÁLISE	22
3.1	LÍNGUA E LINGUAGEM	22
3.1.2	Significado e Contexto	23
3.2	SEMÂNTICA UM ESTUDO DO SIGNIFICADO	24
3.2.1	As figuras de linguagens	25
3.2.2	Metáforas e Contexto	26
3.3	CAMPOS SEMÂNTICOS	27
4	CAPÍTULO III – A TEUS PÉS – LÁ FORA	30
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O conceito de literatura marginal não emerge entre uma grande elite, mas dentro de um movimento que inclui escritores pertencentes ao mesmo grupo social e ocupando posições semelhantes. Procuravam anular paradigmas e estruturas estéticas da época. Correspondendo a um espaço de produções literárias onde surgem controvérsias sobre temas ligados ao cotidiano e às experiências do próprio autor, produções inseridas em contextos sociais.

Ana Cristina César em seu poema, concentra-se temas do cotidiano, falas e problemas, de cunho pessoal e das relações sociais e políticas, vigente na época. Aborda diversas questões relacionadas ao feminino, sobretudo na literatura, emitindo sua opinião, o que torna ainda mais importante correlacioná-la ao tema proposto.

Por se tratar de um tema que emerge da complexidade de aspectos sociais e históricos, o presente trabalho se insere no conceito de pesquisa qualitativa. São os aspectos históricos e sociais das vivências de Ana Cristina César que estão presente em sua obra literária, constituindo um amplo movimento de ideias que se interrelacionam na linguagem e refletem aspectos do conceito de feminismo no tempo e espaço da autora.

Podemos considerar a literatura como a arte de criar e compor textos, a arte das palavras. A literatura também pode ser um instrumento de comunicação que transmite os conhecimentos e a cultura de uma comunidade. Através dela, entrarmos em contato com experiências vividas por gerações, em momentos específicos da história.

Através das palavras nos comunicamos, interagimos e consolidamos nossos pensamentos. É no ato de comunicar-se que, de forma comum, utilizamos metáforas em nossas falas diárias, bem como em textos e produções. Esse fenômeno da língua, além de expresso em nosso dia a dia, está associado a produções literárias.

Sob perspectiva da linguagem, a produção do presente trabalho se volta para elaboração de campos semânticos presente na Obra de Ana Cristina César através das metáforas utilizadas pela autora no poema presente na obra “A teus Pés” intitulado “Lá fora”.

Na metodologia desenvolvida para análise do poema “Lá fora”, selecionamos versos do poema que apresentavam o sentido de dois termos linguísticos – Liberdade e Prisão - objetivando as relações entre os sentidos propostos em dicionário, e relacionados a tessitura do poema. Nesse procedimento, construímos os campos semânticos.

Em termos estruturais, este trabalho monográfico se desenvolveu em três capítulos. O capítulo inicial: contextualizando o objeto, subdivide-se em cinco partes. Na primeira aborda-se a questão do termo Literatura Marginal, o que singulariza esse novo fazer literário e sua forma de expressão. Na segunda, aborda-se a biografia do autor, quem foi Ana Cristina César ao longo de sua vida? A terceira, fala-se de seu livro “A teus pés”. Na quarta, abordaremos Ana Cristina e o movimento feminismo, falando um pouco do que ocorreu no movimento na época do militarismo e de como a autora se envolve, trazendo reflexões em torno de suas concepções. Na quinta, iremos falar sobre “feminismo um pouco de história”, traremos um pouco da história do feminismo no Brasil durante alguns séculos.

No segundo capítulo, entraremos nas bases teóricas e para isso, empregaremos considerações teóricas de Ullmann (1977), Koch (2003), Fiorin (2008), Rector (1980), Rocha Lima (2011), Lopes (2007), Abrahão (2018). Apresentamos a língua e linguagem, que tem a preocupação em explicar a sua estrutura, ao se realizar uma análise em torno da fala. Em seguida, o conceito de semântica, enquanto ciência ou disciplina pertencente à linguística, responsável pelo estudo das significações. Dando sequência, com as figuras de linguagens, abordando o conceito da palavra e significado, ressaltando sua ligação com o significado e dando sentido na formação de conjuntos gramaticais. Na quarta seção, falaremos um pouco da metáfora e contexto, que trata da transposição de sentidos de uma palavra referente a outra. Na quinta seção, fala-se dos campos semânticos. No terceiro capítulo, denominamos de “A teus Pés – Lá Fora”, incluindo poema na obra de Ana Cristina Cesa e estabelecendo um elo entre o título e sentido dos campos semânticos de Liberdade e Prisão.

2 CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO O OBJETO

2.1 LITERATURA MARGINAL

A Literatura marginal refere-se a obras e autores/as que se desviam de certa forma das normas e pode respeitar à produção literária que circula fora dos circuitos comerciais, das grandes editoras, textos que buscam se opor a grandes movimentos literários e a obra que dizem respeito a grupos cujas identidades são definidas negativamente em relação à cultura dominante.

De acordo com Peçanha (2006), no Brasil, o termo é inicialmente usado na década de 1970, em relação a poetas de ampla diversidade que, sem estarem reunidos por um programa coletivo, apresentam certas características comuns. Eles rejeitam as linhagens então predominantes, como o concretismo, a poesia-práxis e a poesia processo, e propõem uma criação não intelectualizada nem politicamente participante que, centrada no cotidiano, caracteriza-se pelo coloquialismo e pela ironia e versa sobre aspectos do dia a dia de jovens de classe média, com temas como sexo e drogas.

A ruptura com as normas literárias da época, indo contra o modelo do mercado editorial, afastando-nos das formas comerciais de produção literária e de circulação por parte das editoras, grandes da era da imposição. Relevando que a década de 70 foi um dos anos mais opressivos para os intelectuais do país, onde a implementação da lei institucional número 5 (AI-5) repreendeu todas as formas de liberdade de expressão.

A poesia marginal, ficou conhecida porque seus autores não dependeram de editoras para a publicações de seus textos. Eles fizeram cópias de seus poemas e as distribuíram nas ruas ou entre amigos. Para fazer as cópias, usaram um aparelho chamado mimeógrafo. Por isso, os autores da poesia marginal também ficaram conhecidos como geração mimeógrafo.

Assim, eles tinham independência intelectual e política sobre os seus textos. A sua poesia é carácter protestante, pois visa questionar valores morais, editoriais, sociais e políticos. E por meio da poesia, a geração mimeógrafo também protestou contra ditadura militar atual na época.

Os resultados das obras foram principalmente com grandes presenças dos contextos de uma linguagem misturado aos termos da linguagem culta, fugindo das regras da escrita. Iniciando a distribuição de pequenos livros pelos próprios autores em bares, museus, praças,

teatros e cinemas. Esse movimento foi liderado por um grupo de artistas e intelectuais da classe média que recusavam as formas estéticas empregadas.

A literatura marginal tomou novos rumos. Quanto a literatura brasileira sempre se usufruiu de histórias de exclusão social, mas foi só no final dos anos 80, quando a violência no país assumiu novas frentes e massacres, que a literatura marginal também trouxe novos métodos: tornou-se um manifesto pela voz. De uma sociedade que vive à margem da sobrevivência, isto também se correlaciona cada vez mais com o nome Literatura Periférica. Tornando-se um grito da própria sociedade para o mundo.

Nesse novo processo de disseminação de uma literatura relegada ao conceito de marginalidade, novas vozes são atreladas às demais manifestações da periferia. De acordo com Peçanha (2006) a ascensão de nova forma de fazer literatura e se consolidar junto ao público, cuja realidade os atingia social e politicamente, deixa de ser publicada independentemente e tem aos poucos conquistados o mercado editorial. Ganha voz junto ao mundo gradualmente conseguido relevância internacional, atingindo mercados como o da Alemanha, que em 2013 recebeu um evento para a disseminação de suas letras, levando os principais difusores do movimento.

Na matéria de Dayane Manfrere (2014) “Literatura marginal: um grito para o mundo” utiliza uma fala de Sérgio Vaz em que simplifica sua fala ao dizer: “gosto do termo literatura periférica porque diz de onde viemos. Antigamente falavam da gente. Hoje, falamos nós mesmos.” (VAZ, Sérgio. Poetavoz da Periferia. [Cida Laginestra, Luiz Henrique Gurgel e Regina Clara] Sérgio Vaz. Escrevendo o futuro, Cenpec - Rua Artur de Azevedo, 289, Cerqueira César, São Paulo/SP, CEP 05.404-010, revista digital, artigo 42, p.). São vozes registradas, que retratam a periferia, o indivíduo na sua realidade diária, a construção do real com suas mazelas, alegrias, tristezas e questões sociais. A língua em movimento na escrita, a linguagem da literatura, o registro de um corpo social comunitário, observa-se na afirmação de Sérgio Vaz em entrevista.

2.2 ANA CRISTINA CÉSAR

Ana Cristina César nasceu em 2 de junho de 1952, no Rio de Janeiro. Dois anos depois, passou a frequentar o maternal do Colégio Bennett. Poetisa precoce, com quatro anos de idade, ditava poesias para a mãe escrever. Mais tarde, em 1964, começou a estudar no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti.

Nesse mesmo ano, ela e a família fizeram uma viagem ao Uruguai. Já em 1966, frequentava a Igreja Presbiteriana de Ipanema, onde era diretora do jornal mimeografado *Comunidade*. Em 1969, como participante de um programa de intercâmbio da juventude cristã, se mudou para Londres, onde estudou na Richmond School para meninas.

De volta ao Rio de Janeiro, em 1970, se tornou professora de Inglês do Instituto de Cultura Anglo-Brasileira. Iniciou o curso de Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1971. Paralelamente à faculdade e às aulas de Inglês, dava aulas de Português, como voluntária no Curso Artigo 99.

Em 1972, viajou ao Paraguai e também conheceu cidades do Nordeste brasileiro. Já em 1973, trabalhou como professora de Português no Curso Guimarães Rosa. E novamente voltou ao nordeste, como parte da equipe do Cenpla (Centro de Estudos, Pesquisa e Planejamento). No ano de 1974, passou a trabalhar como professora de Inglês na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Obteve a licenciatura em Letras no ano de 1975 e começou a fazer trabalhos de tradução. Trabalhou como consultora da editora Labor e escreveu para diversos periódicos, como *Opinião*, *Jornal do Brasil*, *Correio Brasiliense*, *Folha de S. Paulo*, *Veja* e *IstoÉ*.

Em 1976, iniciou seu trabalho como professora de Português e Literatura no Instituto Souza Leão e no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. Em 1977, viajou à Argentina. No ano de 1978, realizou pesquisa junto à Fundação Nacional de Arte sobre a Literatura no cinema documentário. Concluiu o mestrado em comunicação no ano de 1979, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Então, partiu para a Inglaterra, onde estudou na Universidade de Essex, recebendo o título de Master of Arts. Depois, foi para a França, Grécia, Espanha, Holanda e Itália. No início de 1981, voltou ao Brasil e passou a trabalhar no Departamento de Análise e Pesquisa da Tevê Globo. Porém, enfrentava várias crises de depressão. Em 1983, visitou os pais no Chile, onde eles estavam morando. E acabou cometendo suicídio em 20 de outubro de 1983, no Rio de Janeiro.

2.2.1 A teus pés

O livro de Ana Cristina César publicado em 1982, "*A Teus Pés*", é o único livro que foi lançando em vida pela editora companhia das Letras. Além de ser um material inédito, a obra reunia três livros anteriores, publicado de maneira independente – "*Luvras de Pelica*", "*Correspondência Completa*" e "*Cenas de abril*". De modo a apresentar a realidade urbana

do contexto carioca cotidiano, a autora exprime as múltiplas facetas sentimentais do ser poeta, revivendo seu lado íntimo e delicado. Desafiando o conceito de literatura feminina, desenvolvendo uma marca entre prosa, poesia e ensaio, o eu lírico e o eu biográfico. Caracterizando boa parte suas obras que surgem a partir do Modernismo brasileiro, iniciado em 1922, a partir da Semana de Arte Moderna, as construções poéticas da autora também retratam fragmentação, sobreposição de cenas, bem como também a expressão interpretativa. (Companhia das Letras, 2016)

Se atrelando a característica presente na poesia marginal, Ana Cristina César utiliza da colagem de cenários e situações para exprimir sua visão, além de utilizar dois gêneros textuais compreendidos como inferiores para a literatura tradicionalista: diário e carta. Conforme a Prof.^a Amara Moira (2014), em um site, relata um pouco sobre o que Ana Cristina César, resgatando, não só o coloquialismo da linguagem, que é muito influenciada pelos autores da pós-modernidade, mas também a profunda interação presente entre o sujeito lírico e o leitor, que há nas entrelinhas dos versos e escritos. De modo a misturar alguns momentos em que o leitor compreenda não está diante de uma obra que se assemelha ao tradicionalismo, e sim, uma incansável busca do "eu", em meio às adversidades do mundo moderno, retratada em diversos gêneros ao longo do tempo.

2.2.2 Ana Cristina e o Movimento Feminista

De acordo com Gonçalves (2008), as exigências impostas pelo regime militar nas décadas posteriores eram bem rigorosas. O custo de mortes por suicídio, tortura, guerrilha, manifestações, impostos pelo regime militar, em que muitas de suas vítimas mulheres, homens ou adolescentes sofreram nesse período, se reflete na obra de Ana Cristina Cesar, são escalas de sofrimento vivido e vivenciado pela autora.

Nesse sentido, Ana Cristina César tinha plena consciência da configuração deste cenário. Filha de família culta de classe média do Rio de Janeiro que era, neste momento, o grande centro cultural do país. Durante a ditadura, seu pai fora preso e sua mãe precisou deixar o emprego de professora numa escola particular do Rio de Janeiro, devido à perseguição política. Por essa razão, Ana e seus irmãos foram transferidos de uma instituição particular para uma instituição pública de ensino (MORICONI, 1996, p. 84- 86. Apud. Daniel José Gonçalves, 2008. Pág. 34). A sua participação ativa como colaboradora e colunista em jornais da imprensa alternativa, preocupada em ser uma voz incompatível com a imprensa oficial, publicou artigos e matérias que discutiam os mais variados temas

da época, inclusive, sobre arte e política, deixando claro a sua preocupação com alguns níveis de manifestações políticas. Alguns autores, salientam que, nos anos 60, foi um período de aprendizado da poetisa Ana Cristina, o que demonstra sua preocupação em conversar sobre alguns procedimentos literários.

Para Gonçalves (2008), no livro “A teus pés” é possível conhecer as preliminares de suas reflexões estéticas, o diálogo com os costumes e a busca pela própria voz. Demonstrando a literatura reflexiva, real e complexa de uma estética literária singular da autora Ana Cristina César.

Gonçalves (2008) acrescenta que o leitor vai se deparando com uma diversidade de textos, que compreende os diferentes momentos da obra de Ana Cristina, incluindo poemas desde seus nove anos, até meses antes de sua morte. Ana Cristina dá sinais de temas importantes que sua poética assumiria quase uma década depois. Os poemas abordam questões como a forma poética, o cotidiano, o diário, a intimidade e ao disfarce, temas que ocupam espaço privilegiado em seu trabalho. Além de questionar sua própria formação acadêmica, no curso de Letras, e a teoria estruturalista aplicada à literatura, a prática literária, presente em alguns de seus poemas, encontra sentido na política. A literatura deixa de ser uma atividade asséptica para se tornar uma atividade mais ligada à existência, devido à sua função política.

De acordo como Gonçalves (2008), os conflitos presentes ao decorrer do tempo, se caracterizavam pelas tensões particulares na formação intelectual dos integrantes desta geração, uma vez que, no ambiente cultural da época, conviviam abertamente a necessidade política, face ao estado ditatorial, e a recusa sistemática do engajamento e da militância.

Nesse tempo, as pessoas que trabalhavam com cultura tinham muitas exigências. É possível notar a sensação de fechamento, seguida pela manifestação de um conflito que se preocupa em verificar se sua atividade é “suficientemente política”. Além disso, é perceptível o sufocamento, que requer a queda do regime autoritário e demonstra o drama de conviver com a fraqueza diante de uma problemática tão complexa em meio ao caos. Ana Cristina César, buscava integrar sua literatura ao modelo de militância tradicional e se preocupar com as questões políticas, ela procurou uma solução para lidar com os anseios surgidos durante esse período. Se atribuir ao conceito político a opção de se envolver em outros campos, seria uma situação adequada.

Assim, nos anos 70 e início dos anos 80, o assunto político estava esgotado. Os jornais e revistas conversavam sobre acusações e mentiras de todos os lados. Tinha uma forte presença do problema político e social, que não podia ser diferente. Depois de três décadas

em que a política era o assunto principal das artes, as artes ficaram marcadas. Esses relatos mostravam que o país estava cansado da política no final dos anos 70. Havia um preço a pagar, mas todos não queriam pagar. Enquanto isso, no começo dos anos 80, as coisas estavam mais calmas na transição para a democracia. (Gonçalves, 2008)

Para Gonçalves (2008) é possível notar uma mudança de tom nas suas pronúncias, que passa de um tom tradicional para uma suposta neutralidade, em relação ao seu objeto de pesquisa, consagrado para fundamentar o discurso científico e para a articulação de uma linguagem mais dependente. Nesse sentido, Ana Cristina vê que os homens são mais importantes que as mulheres no discurso e quer saber se isso é verdade. Para isso, usará uma linguagem que questione a diferença entre o feminino e o masculino. A linguagem é diferente da autoridade, porque é humorada e deixa a impressão do que se quer passar, mesmo que seja teórica. Ana Cristina então, decidiu investir em outros gêneros para falar de uma forma mais feminina e romper com o tom neutro do homem. Esse fator não será característico apenas de seu trabalho, mas se estende à sua poesia, espaço em que essa proposta terá campo privilegiado. O efeito dessa escolha é rejeitar os processos autoritários, dos elementos repressivos e das representações de poder na linguagem (seu campo específico de atuação), identificados com a presença do masculino.

Ana Cristina César liberta-se dos padrões dominantes da cultura oficial e, ao viver numa realidade bloqueada e reprimida, alcança um reino livre de expressão poética, sem constrangimentos ou obrigações. Também o facto de a sua circulação e distribuição ser limitada não a impediu de desempenhar um papel significativo no preenchimento da chamada lacuna cultural da época. Ela pode ser lida como um símbolo de resistência, e o seu estatuto de marginalizada confere-lhe dignidade. No entanto, apesar do seu nobre carácter de resistência, esta criação tinha plena consciência da consolidação do mercado, da literatura como produto a ser consumido e vendido, como meio de ganhar dinheiro. A literatura perde seu carácter majestoso, exagerado, o escritor se isola, fator proporcionado pelo poder da escrita, enquanto o sujeito e o próprio autor se aproximam do cotidiano das pessoas, permitindo que a literatura fale diretamente às pessoas, à sua vida.

As ideias para “estetizar o cotidiano” incluem transformar em poesia momentos rápidos e capturados pelos poetas; estetizar a poesia com a realização simultânea de momentos e registros diários. O poeta não cria mais em silêncio solene, mas construído a partir do impulso das circunstâncias no momento em que o poema é realizado. Uma simples nota, revisão ou qualquer anotação pode ser incluída na lista de obras do poeta.

Mutuamente estes temas se constroem no corpo do próprio texto, estabelecendo uma poesia que propõe uma espécie de jogo com os temas da intimidade, “temas de mulher” (da 45 persona feminina construída socialmente) e “faces do feminino”, por meio de uma estrutura textual carregada de dramaticidade, teatralidade, quebras, vozes que conversam, tons de fala, referências a outros textos, personagens, alusões a outros autores, uma poesia em que eu e outro, identidade e alteridade se constroem fragmentariamente nas possibilidades do discurso. (GONÇALVES, 2008, p. 44,45)

Observa-se uma reflexão sobre sua própria criação poética, estabelecendo uma tensão permanente entre as vozes que aparecem nos textos.

Ana Cristina buscou alcançar um propósito de renovação em suas escritas femininas, desenvolvendo ruptura marcante para aquele período. Apesar, dos pequenos números de mulheres literárias no Brasil, os temas eram ruidosos e suas vozes, nobres, tornando-se modelos para a escrita de poesia feminina na história da literatura brasileira.

Faça uma enquete tipo Globo Repórter. Saia à rua e pergunte aos pedestres: o que é poesia; o que é mulher; e mulher fazendo poesia, fala de quê. As respostas vão configurar o senso comum do poético e feminino. Surgirão algumas imagens que se convencionou chamar da natureza e considerar belas. O cancionero popular. Perfume, pérola, flor, madrugada, mar, estrela, orvalho, pólen, coração. Tépidos, macios, sensíveis. E em aparente contradição: inatingível, inefável, profundo. A velha contradição que os românticos não conseguiram resolver. Mulher é inatingível e sensual ao mesmo tempo. Carne e luz. Poesia também. O poético e o feminino se identificam (CESAR, 1999c, p. 224 *apud*, Daniel José Gonçalves, 2008, p. 46).

A autora e poetisa Ana Cristina asfixia por meio da literatura marginal o discurso ecoado por Ovídio em suas canções marcadas pela temática feminina sob o enfoque da mulher subalterna aos desejos masculinos. Assim, a poesia de Ana Cristina César tem a proposta de construir traços femininos, como: ambiente em que a mulher se encontra, o âmbito familiar. Esse aspecto complexo é caracterizado em suas poesias, um tom diário e conversacional.

De acordo com Gonçalves (2008), o vocábulo íntimo que propõe revelar a representação do feminino no universo da linguagem e demonstra a existência implícita de um discurso dominante que condiciona a representação do feminino à voz pura e nobre, limpa e suave, casta e sublime. A mulher e o poético sofrem com o cárcere dos “temas altos”, com a prisão das estrelas.

O fato de que a “mulher, na história, começa a escrever por aí, dentro do âmbito particular, do familiar, do estritamente íntimo” (Cesar, 1999 p. 257) oferece à “dicção íntima” uma dimensão mais ampla de contraste em relação à “dicção nobre (GONÇALVES, 2008, , p. 47).

Para Gonçalves (2008), a obra de Ana Cristina busca o terreno, historicamente, pertencente à mulher e coloca-o num embate direto com o que se convencionou identificar com a representação do feminino e a presença do feminino na linguagem, um ambiente preenchido pela beleza, onde o desejo, a carne e o sangue estão excluídos. Sobre esses aspectos, o problema da intimidade em Ana Cristina César é levado ao limite. Enquanto se pensa haver revelações íntimas e autobiografia, o que opera é uma densa reflexão sobre a linguagem, um embate de vozes, um jogo em que o feminino se projeta fragmentado, inconcluso e ambíguo.

O fiel da balança não é mais a pureza ou o sublime, mas o desejo, a paixão, a carne. Desejo ambíguo. Paixão ambígua. A identidade feminina não tem onde se sustentar. Ela se configura ambivalente diante das possibilidades do discurso. O falar feminino que ela procura e acredita existir (Cesar, p. 269, 1999C) é identificado como um elemento íntimo, no sentido da construção de um tom e de uma fala poética, que conversa, que troca segredos, que age no plano coloquial do fluxo de diálogo, próximo de uma sintaxe de fala (GONÇALVES, 2008, , p. 47-48).

Não são mais as marcas predeterminadas para construção de uma poética feminina, Ana Cristina se apropria das diversas unidades linguísticas em que o desejo, a paixão se fragmentam no discurso, busca a voz feminina em que se reconhece inserida no fluxo do diálogo em tom de uma fala poética.

Observa-se que na fala poética é algo definidor, pois, vai além da exigência da época, trazendo uma nova visão para a problemática da intimidade e complementando com outras características, desta forma, amplia a dialogicidade que vai além dos poemas, formando uma comunicação mais ao se apropriar de alguns versos de outros autores, em que as vozes dos outros textos se incluem como integrantes da “conversa íntima” empreendida pelo poema da autora. (Gonçalves, 2008)

No período da ditadura a instituição, a Igreja também limitou o feminismo no Brasil, como muito bem observa Holanda (2019 p. 10), ao lembrar que durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) “era frequente que as iniciativas do movimento feminista estivessem vinculadas ao Partido Comunista ou à Igreja Católica progressista, instituição particularmente importante enquanto oposição ao regime militar”. Na poesia de Ana Cristina, a revelação do feminismo se consagra diante da dignidade mulher em frente ao regime militar. São facetas comportamentais entre o real e o impossível. O conflito de sua escritura se situa e demonstra aspectos de mulheres que vivem nessa época, sob essa realidade e confirma a sua doação a luta das mulheres. O real se transporta para o uso de

uma linguagem espontânea, absorvido na escrita, e esta atividade se constrói sob o prisma da presença, conclusão e vivências à mercê das circunstâncias. (Gonçalves, 2008)

Ao observar que a obra de Ana Cristina reflete o real de uma época, compreende-se que a escrita se transforma em reveladora da estética e cultura, assim como, as contradições que permeavam o seu tempo. Torna-se, nesse espaço, uma ação de observância do conflito entre o novo e o velho, entre o masculino e feminino, entre o conceito de verdade e ficção. Para Gonçalves (2008), a construção da obra é justamente pela prática da poesia entrelaçada, reconhecendo as tensões existentes e incorporando nos demais temas ao corpo do texto, resultando em uma poesia que não resolve tensões, mas as eleva ao limite, abraça as preocupações da época, não as assume, mas sim, supera novas tensões, construindo-as e garantindo a durabilidade da sua obra.

2.3 FEMINISMO UM POUCO DE HISTÓRIA

De acordo com Silva (2010), no caso do desenvolvimento do feminismo no Brasil, devemos inicialmente falar sobre a situação da mulher em nossa sociedade. Durante vários séculos, as mulheres estiveram relegadas ao ambiente doméstico e subalternas ao poder das figuras do pai e do marido. Quando chegavam a expor-se ao público, elas deveriam estar acompanhadas e, geralmente, dirigiam-se para o interior das igrejas. A limitação do ir e vir era a mais clara manifestação do lugar ocupado pelo feminino nessa época.

Esse papel recluso da mulher passou a experimentar suas primeiras transformações no século XIX, quando o governo imperial reconheceu a necessidade de educação da população feminina. No final desse mesmo período, algumas publicações abordavam essa relação entre a mulher e a educação, mas sem pensar em um projeto amplo a todas as mulheres. O conhecimento não passava de instrumento de reconhecimento das mulheres provenientes das classes mais abastadas.

Além disso, no século XIX, surgiram os primeiros núcleos em defesa dos ideais feministas, tanto no Brasil quanto na América Latina em geral. Aqui no Brasil, o surgimento do movimento estava muito relacionado com a chegada dos ideais anarquistas e socialistas que haviam sido trazidos da Europa pelos imigrantes. Com isso, as mulheres passaram a estar presentes nas lutas por melhores salários e por melhores condições de trabalho. (Silva, 2010)

No começo do século XX, passou a existir uma diversificação dos feminismos no Brasil, que iam de uma tendência mais conservadora (conhecido como “feminismo bem-

comportado”) até o feminismo mais incisivo. Nesse quadro, observamos, primeiramente, a mobilização de mulheres que exigiam o seu direito à cidadania sem questionar os outros papéis subalternos assumidos por elas. Desse feminismo dito mais conservador, destaca-se a ação de Bertha Lutz que, na liderança da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), lutou pelo sufrágio feminino. Acerca da atuação do FBPF, Ana Alice A. Costa e Cecília Maria B. Sardenberg afirmam:

a FBPF jamais questionou o sistema vigente como responsável também pela opressão feminina tal qual sua congênere nos Estados Unidos, sua atuação inspirou-se nos preceitos liberais e no reformismo como estratégia política. Assim, seu programa limitou-se ao combate às leis discriminatórias, preconceitos e tradições que impedem a igualdade entre homens e mulheres, no contexto das democracias burguesas (GONÇALVEZ, 2008, p. 39).

As mulheres reivindicaram por seus direitos públicos, defenderam movimentos trabalhadores e abraçaram lutas comunistas em busca de uma democracia que coincidissem a igualdade. Esse movimento foi realizado por mulheres intelectuais e aquelas que eram envolvidas no meio sindical.

Nos anos 60, iniciou-se a revolução dos costumes, em que nesse movimento feminista ocorreu uma grande intensidade de força e combate. Mesmo obtendo uma ditadura em seu caminho, as mulheres, não desistiram de se posicionar na sociedade.

Com isso, Teles (1999) relata que no período o movimento feminista no Brasil ocorre uma problemática de mulheres que lutavam mulher frente aos seus direitos no código civil em relação à discriminação da mulher casada, envolvendo questões de liberdade da mulher. Nesse sentido, “A luta pela libertação da mulher não deveria em nenhum momento ser desvinculada da busca de soluções dos problemas mais gerais da sociedade. (Teles, 1999 p. 50)

Essa virtude de buscar soluções para os demais problemas, que acabou se estendendo por alguns períodos. Já na década de 70 houve a resistência contra a ditadura e a descoberta de Ana Cristina César na literatura, considerada uma literatura marginal, mas que chamou bastante atenção de alguns escritores pelo seu posicionamento na escrita em seus poemas e poesia.

A poesia de Ana Cristina se revela e se constrói em um espaço de luta política. A atuação feminina torna-se real, e assim é obra da autora, onde a força de seu legado maior acompanha as circunstâncias de um feminismo dividido entre o conservadorismo social, ditando regras comportamentais com direitos cedidos para mulher e um feminismo atuante, real, carregado de verdades, em que o papel da mulher se estabelece como sublime, diante

das circunstâncias que a acompanha. Sua escrita, carregada de significado, repercute nos usos linguísticos o processo histórico por ela e muitas mulheres vivenciados

Sendo assim, o movimento feminista foi avançando por algumas cidades e bairros, propondo debates a respeito de creches, a realização de grupos políticos para poder movimentar os combates que eram constantes. Pois, na década de 80 abordou-se temas mais abrangentes e por problemas específicos que a cada dia era um agravante o contexto da vida e trabalho da mulher.

3 CAPÍTULO II – CAMINHOS PARA ANÁLISE

3.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

Para Ullmann (1977), existe uma preocupação em explicar a língua e sua estrutura, ao se realizar uma análise em torno da fala. A fala tem caráter individual, na experiência efetiva do uso da língua esta aparece sob a forma de atos individuais, assim qualquer análise em torno de sua estrutura se constrói a partir da análise de atos individuais. A ação de comunicação no ato de fala implica na presença de três elementos: o locutor, o ouvinte ou ouvintes e a comunicação., representando o aspecto triplo da ação.

Do ponto de vista do locutor, o acto da fala é um sintoma, uma indicação do que está na sua mente; do ponto de vista do ouvinte, é um sinal, que o incita a executar determinado tipo de acção; do ponto de vista da própria comunicação é um símbolo, um signo que representa aquilo que o locutor pretende exprimir. (ULLMANN, p. 30, 1977).

Nesse sentido, Ullmann (1977), a ação do ato de comunicação através da fala é representada pelo signo linguístico, cuja natureza simbólica se processa na linguagem de forma mais ampla pelo “facto de a linguagem ser constituída por signos obriga a considerá-la dentro do contexto mais vasto dos processos simbólicos.” (Ullmann, p. 31)

De acordo com Koch (2003) a língua é um conjunto de elementos sistematizado a nível morfológico, fonológico-morfológico e sintático, bem como uma prática social realizada e constituída em uso. A linguagem, entretanto, é a capacidade do ser humano se expressar por meio de qualquer conjunto de signos.

Então, a linguagem é todo meio de expressão do ser humano através de símbolos. E a sociedade nessa relação é essencial. Sem a sociedade não há língua. A língua se configura através das práticas sociais de uma sociedade, de uma comunidade. Então, a língua se configura dentro do meio social, como expressão do meio social, lugar de interação entre membros de uma sociedade e nesse lugar de interação é que se constituem as formas linguísticas e todas as maneiras de falar que existem numa determinada época, numa determinada sincronia. (KOCH, 2003, p. 124)

A linguagem, propulsora do processo de comunicação, retem em seu uso as várias relações de significado, produzidas pelos sentidos imbricados no texto, por meio de símbolos, sinais, signos, ícones. Desta característica inerente da linguagem o espaço dos significados se constrói em todo processo de interação entre falantes e ouvintes. “A linguagem é, sem dúvida,

a forma mais importante e mais articulada da expressão simbólica, e por isso ocupa forçosamente uma posição de relevo em qualquer teoria dos signos”. (Ullmann, 1977 p. 35)

Presentes em todas as esferas humanas a linguagem, propulsora da comunicação se relaciona ao homem e seu contexto de atuação, se torna uma rede em que os signos se entrelaçam inseridos nos desejos humanos, torna-se o despertar da sociedade ou o adormecimento. Conforme nos apresenta Rubem Alves (1984, p. 4):

E sobre estas redes as pessoas se deitam.
 É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras. Como é que as palavras se amarram?
 É simples.
 Com o desejo.
 Só que, às vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo. Redes que podem falar de vida e podem falar de morte.
 E tudo se faz com as palavras e o desejo. (NASSER, 2004, p.101)

Na linguagem a representação do tecido social se constrói em espaços do enunciatário para o enunciador. Contudo observa-se que a produção estará sempre relacionada ao contexto em que se propaga. Os significados se alinham ao espaço social, histórico de vivências, atuações revolucionárias, mudanças comportamentais, regimes políticos e todo processo comunicativo das esferas humanas.

3.1.2 Significado e Contexto

Para Ullmann (1977, p. 113) “O significado é um dos termos mais ambíguos e controversas da teoria da linguagem’. Ao discorrer sobre a complexidade do termo significado, nos chama atenção sobre a diversidade estudos que se sucederam acerca do significado das palavras “e embora não estejamos mais perto de uma resposta” (Ullman 1977, p.115), esclarece que não existe uma única resposta, mas o que se busca é mais clareza e caminhos científicos que nos leve a resolução do problema.

A definição do termo significado passa ser considerada como uma hipótese de trabalho e a sua valoração “dependerá de como opere: da ajuda que possa prestar na descrição, interpretação e classificação dos fenômenos semânticos” (Ullmann 1977, p. 139), compreendendo os fenômenos que norteiam o significado presente em um texto, observa-se que estes estão diretamente relacionados ao contexto em que estão inseridos.

Para cada palavra há uma existência de núcleo sólido de significado, entretanto pode haver modificações dependendo do contexto. De acordo com Ullmann (1977, p. 104) “Ninguém negará a importância crucial do contexto na determinação do significado das palavras”, já que todo e qualquer produção de texto caracteriza-se por um processo, que aciona a continuidade de sentido, ligados por uma rede de unidades linguísticas e relacionados a um dado contexto sociocultural. Dessa forma, pode-se admitir que a construção do sentido está diretamente relacionada ao contexto de produção criando efeitos que permitem a interação entre informações velhas e novas. No processo de apreensão da realidade, o homem cria signos para categorizar, organizar e interpretar o mundo, “Isso significa que a realidade só tem existência para os homens quando é nomeada, os signos são, assim, uma forma de apreender a realidade. Só percebemos no mundo o que nossa língua nomeia.” (Fiorin, 2008, p. 55)

Para Ullmann (1977, p. 110) “O contexto pode também desempenhar um papel vital de fixação do significado das palavras demasiado vagas, ou demasiado ambíguas, para fazerem sentido por si próprio.” Sendo assim, o contexto pode ser influenciado por qualquer vocábulo ou não, mas obtendo a responsabilidade de seguir determinados termos em torno da significação.

Assim como a diversidade própria das esferas humanas, situadas historicamente e socialmente, a produção dos textos também o são. Não existem textos sem contextos e todos apresentam intencionalidade que resultam ações de comunicação. Da comunhão de produção do texto e a interrelação com o contexto se criam os significados.

3.2 SEMÂNTICA UM ESTUDO DO SIGNIFICADO

No século XIX surgiu a necessidade de criar, dentro da Linguística, uma área autônoma do significado, e é então que emerge a semântica como uma divisão importante da Ciência da Linguagem. De acordo com Ullmann (1977), existem dois ramos importantes da linguística que tratam diretamente das palavras: a etimologia que é o estudo da origem das palavras e a semântica, estudo do significado das palavras. Para Ullmann (1977) os antigos não ficaram indiferentes aos problemas do significado, fizeram muitas observações sobre o sentido das palavras e chegaram a trazer aspectos fundamentais da mudança semântica.

Nesse processo, as descobertas foram realizadas, como a classificação das metáforas

por Aristóteles, a observação e a separação feita por Proclus. No século V, sobre o domínio das mudanças semânticas que distinguiu certo número de tipos básicos como a mudança cultural, metáfora, alargamento e restrição do significado. O interesse dos antigos pela palavra não se restringiu às mudanças de significado, pois também fizeram muitas observações relacionadas sobre o seu comportamento na fala. (Ullmann 1977)

Segundo Pinto (2016, p. 9), o termo Semântica nasceu a partir de estudos realizados por Michel Bréal, mesmo não sendo denominado desta forma na presente ocasião. Para Lopes (2000, p. 232), é a ciência destinada “a significação das línguas naturais”, responsável em apresentar o significado dos termos linguísticos, como o caminho a ser traçado, a fim de atender ao objetivo pretendido.

De acordo com Rector (1980, p. 12) a ciência da Semântica é apontada pela autora como “a ciência das significações”, enfatizando que “provém do verbo sêmainô “significar” que, por sua vez, é derivado de “sêma” (sinal), [...]”. Com isso, a autora enfatiza que para Bréal “a semântica consiste num estudo da causa e da estrutura dos processos de mudanças nas significações das palavras”. (*apud* RECTOR, 1980, p. 12). Diante disso, as variações das palavras entre transformações e modificações, a aplicabilidade da ciência Semântica se volta para seu objetivo principal, a responsabilidade em estudar a significação dos termos, tanto agora, em que este é empregado como, também, por meio do tempo e do espaço em que estão inseridos, assim, em suas relações históricas e sociais.

3.2.1 As figuras de linguagens

As figuras de linguagem são geralmente usadas para dar mais ênfase a comunicação e torná-la mais eficaz. Ullmann (1977)

De acordo com Perini (2006, p. 59) “Uma parte significativa dos recursos dessa estratégia é, portanto, o que chamamos gramática da língua. E a gramática pode ser entendida como um conjunto de instruções para construir e interpretar unidades: sintagmas, frases, orações e períodos.” Neste sentido, pode-se entender como é formada o conjunto de regras dentro da gramática.

Para Corrêa (2009, p. 11) “figuras de linguagem são consideradas desvios das formas gerais da linguagem. Seu uso é justificado na medida e que geralmente servem para dar maior brilho e ênfase à comunicação.” O uso das figuras de linguagens servirá para dar vida, emoções ao ato de comunicação, tornando o aprendizado de interpretação mais valioso nas produções de textos.

Para Rocha Lima (2011, p. 596) “Figuras de linguagem, são certas maneiras de dizer que expressam o pensamento ou o sentimento com energia e colorido, a serviço das intenções estéticas de quem as usa. Trata-se de recursos naturais da linguagem, que os escritores aproveitam para comunicar ao estilo vivacidade e beleza”. Divide as figuras de linguagem em diferentes espaços: figuras de palavras; figuras de construção; figuras de pensamento e figuras de palavras ou tropos.

Rocha Lima inclui a metáfora como figuras de palavras: “Consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita” (p.597). Para Faraco & Moura (1992, p. 305 apud Corrêa, 2009, p. 32 et al) as figuras de linguagem são, recurso utilizado para realçar uma ideia. Não classifica as figuras, apresenta tipos: comparação, metáfora, metonímia, aliteração, antítese, catacrese, gradação, eufemismo, hipérbole e personificação. Os conceitos apresentados, estabelecidos por diferentes gramáticos, se associam na relação de uso como recurso estilístico que expressam uma forma de dizer no processo de comunicação.

3.2.2 Metáforas e Contexto

Quando falamos da metáfora, analisamos em um recurso da língua para fazermos algum tipo de comparação. De modo geral, a metáfora, em sua essência, é uma transferência de sentido de um determinado termo para um outro. Nesse sentido, Mendes (2010) implica em um “transporte de sentidos”.

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metáfora* através da junção de dois elementos que a compõem – *meta* que significa “sobre” e *pherein* com a significação de “transporte”, “mudança”, “transferência” e em sentido mais específico, “transporte de sentido próprio em sentido figurado”.

Compreende-se que se nos basearmos na base etimológica da palavra, tendo como base o significado etimológico do termo, o procedimento que leva a formação da metáfora sugere necessariamente um transporte do sentido exato da palavra para o seu sentido livre.

Ullmann (1977) ao conceber a ideia de semelhança de sentido nos apresenta as possibilidades que esses sentidos se ajustam a forma de conceber a metáfora em duas espécies: objetiva e emotiva, assim:

a metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas de vocabulário, e em diversos outros papéis.” (ULLMANN 1977, p. 442)

Nesse sentido, as inúmeras metáforas que fazem parte da faculdade imaginativa do homem, para o autor ocupa quatro grupos principais:

- I) **Metáforas antropomórficas:** a maior parte das expressões que se referem aos objetos inanimados são tiradas por transferência do corpo humano e das suas partes, das paixões e dos sentidos humanos;
- II) **Metáforas animais:** movem-se em duas direções principais. Algumas delas aplicam-se a plantas ou a objetos insensíveis;
- III) **Do concreto ao abstrato:** consiste em traduzir experiências abstratas em termos concretos. Em muitos casos a transferência é ainda transparente, mas em outros será necessária uma investigação etimológica para recapturar a imagem concreta que está por baixo da palavra abstrata;
- IV) **Metáforas sinestésicas:** baseia-se nas transposições de um sentido para o outro: do ouvido para a vista e do tato para o ouvido.

Para Ullmann (1977) é muito simples a composição básica da metáfora, manifestada pela imaginação do homem, são efeitos surpreendentes traçando paralelos inesperados entre objetos díspares, para isso os fatos precisam ter algo em comum, que pode assumir várias formas e abranger diversos tipos de relações.

3.3 CAMPOS SEMÂNTICOS

Ullmann (1977) apresenta algumas pesquisas de Jost Trier, relacionada ao significado de termos em alemão, em uma relação que liga os estudos desenvolvidos por Saussure, a ciência da Semântica. Contudo, esta teoria ficou titulada como “teoria do campo semântico”, ou seja, com os estudos de Trier principiava a ideia de campos associativos.

Trier supunha que os sentidos organizados linguisticamente abarcam todo o campo da realidade, ao qual se ajustam como as peças de um quebra-cabeças, sem deixar vazios, de tal modo que cada campo semântico se forma coerentizando internamente determinada parte do material léxico de cada língua, e, ao mesmo tempo, delimitando-se exteriormente por muitos campos semânticos da mesma língua. (LOPES, 2007, p.242).

Nesse sentido, os campos semânticos se envolvem com as relações do texto em que apresenta ao mundo e a conexão entre ambos, realizando o léxico de cada língua, ajustando as formas linguísticas como um representativo do sentido, que busca apresentar, em produzir as relações externas. Assim, tanto o que está anteriormente e posteriormente ao

termo em análise, é levado em consideração para execução da significação. Segundo Abrahão (2018, p. 115) “Para as teorias dos campos, o vocabulário se constitui numa série de elementos combináveis que, estruturados em campos, constituem a totalidade do léxico, ou conjunto de palavras de uma língua”. Para tanto, Ullmann (1977) aborda o “como” extrair da palavra o seu significado semântico, pois, para ele, “O investigador deve começar por reunir um número adequado de contextos e abordá-los com espírito aberto, permitindo que o significado ou significados brotem dos próprios contextos”. (Ullmann, 1977, p. 140).

Se a análise de intenções é um cálculo de semelhanças e diferenças avaliadas no interior de um campo semântico, torna-se crucial delimitar a quantidade de expressões que o compõem, pois ao contrário cair-se-ia numa regressão infinita. Cada vocábulo poderia sempre ser comparado com outro ainda não listado, provocando a introdução de novos semas na análise, pois o vocabulário de uma língua natural é um conjunto aberto e em constante crescimento. (PINTO, 1977, p. 75).

O estudo de uma forma linguística nos leva a perceber a diversidade própria da língua. Para isso, os campos semânticos se constroem na interpretação de significados, não livres do contexto, mas sendo-os inseridos no contexto e intencionalidade autorial. Com isso, o que é dito anteriormente ou posteriormente ao vocábulo em análise e as relações presentes nas mensagens, torna-se um conhecimento a ser observado para construção do significado, visto que, o contexto e a linguística favorecem tais análises.

todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que se ligam com outros termos. Algumas dessas associações baseiam-se em ligações entre os sentidos, outras são puramente formais, enquanto outras, finalmente, envolvem ao mesmo tempo a forma e o significado. (ULLMANN, 1977, p. 498).

Conseqüentemente, a partir do momento que um vocábulo é inserido num determinado contexto, há uma relação que une este ao seu contexto, dando a possibilidade da existência de vários significados, ou seja, o enunciado em que o termo linguístico está inserido, se apresenta como o modificador do termo em questão, visto que o contexto transforma o vocábulo.

Sendo assim, os campos semânticos são estruturas de significados referentes a um termo linguístico, inserido em um contexto. A construção dos campos, possibilita um entendimento do texto, uma vez que, tendo o domínio desses significados, através da interpretação, possibilita a diversidade do significado do termo, alarga o domínio das palavras.

Com isso, Ullmann (1977) adverte que “o campo associativo de uma palavra é

formado por uma intrincada rede de associações, baseadas algumas das semelhanças, outras na contiguidade, surgindo umas entre sentidos, outras entre nomes, outras ainda entre ambos.” (Ullmann, 1977, p. 500). Nesse sentido, os campos semânticos ou associativos, são representados por interpretações do sentido da palavra, associado aos termos que a acompanha, como uma rede que determina as significações, e que sem essa dependência, desconstrói o significado que se busca para produção do campo semântico ou associativo. Ou seja, “um conjunto de palavras associadas formam, assim, um campo de significações” (ABRAHÃO, 2018, p. 116).

O fato do campo semântico se apresentar como um ambiente aberto, conforme ressalta Ullmann (1977, p. 501), os significados dos signos linguísticos não podem surgir sem uma associação, mas pode apresentar um pressuposto para ser utilizada como referencial, respaldando o suficiente para as interpretações sugeridas a partir da análise. No entanto, é preponderante compreender que “o campo associativo é um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com o ambiente...” (ULLMANN, 1977, p. 500).

Em virtude dos vários sentidos reunidos ao um vocábulo, partindo-se do contexto em que se encontra, o entendimento de um signo transpõe limites. Assim, é possível refletir que o contexto é para um termo linguístico transformador, considerando, que o contexto não só transforma o significado, como também à influência a uma significação ou não.

4 **CAPÍTULO III – A TEUS PÉS – LÁ FORA**

O título do livro de Ana Cristina César, nos remete a pensar sobre a mulher na condição de submissão, dependência e sua obra revela a relação da autora com suas vivências e desejos, sua luta interna entre as exigências sociais impostas pela condição de ser mulher, a necessidade de uma identidade, liberdade, direito de escolha. No poema “Lá fora”, a poesia se constitui de metáforas de desejos interiores. A liberdade almejada, aprisionada ao amor. A realidade retratada em dois caminhos que se encontram dentro de um mesmo ambiente linguístico.

A associação entre o texto e o uso da figura de linguagem metáfora, nos remete a campos semânticos, onde o significado de liberdade e prisão se reproduz na linguagem presente no poema, relacionando a posição concreta: espaço, lugar e sentimento, ao desejo de liberdade.

Lá fora

há um
amor que entra
de férias.

Há um
embaçamento de
minhas agulhas
nítidas diante
dessa boa
bisca de
mulher.

Há um placar
visível em altas
horas,
pela persiana deste
hotel, fatal, que
diz: fiado, só
depois de amanhã
e olhe lá,
onde a minha
lâmina cortante,
sofrendo de
súbita
cegueira
noturna,
pendura a
conta
e não corta mais,
suspendendo seu

pêndulo de Nietzsche
 ou Poe
 por um nada que
 pisca e tira folga e
 sai afiado para a
 rua como um ato
 falho deixando as
 chaves soltas
 em cima do balcão.

No sintagma adverbial “Lá fora”, presente no título do poema, estão imbricados dois significados: Liberdade e Prisão. A intencionalidade se relaciona com a posição do sujeito em um ambiente e o olhar para fora desse ambiente.

Assim partimos do conceito inicial da palavra “Liberdade” e “Prisão”, presentes em dicionários, objetivando a construção dos campos semânticos relacionados a esses significados. Para Ullman (1977), dentre as divisões básicas da representação de metáforas, estas podem ser estabelecidas do concreto para o abstrato.

De acordo com Aurélio (1986) Liberdade é:

1. Faculdade de cada um se decidir ou agir segundo sua própria determinação.
2. Poder de agir, no seio de uma sociedade organizada, segundo a própria determinação, dentro dos limites impostos por normas definidas.
3. Faculdade de praticar tudo quanto não é proibido por lei.
4. Supressão ou ausência de toda opressão considerada anormal, ilegítima, imoral.
5. Estado ou condição de homem livre: dar liberdade a um prisioneiro, a um escravo. (p.1028)

Para Oxford Languages (2023),

Grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal. 2. Conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, isoladamente ou em grupo, em face da autoridade política e perante o Estado; poder que tem o cidadão de exercer a sua vontade dentro dos limites que lhe faculta a lei.

Quadro 1 – Liberdade, metáfora.

Fonte: produção própria, 2023.

A construção do campo semântico estabelecendo o sentido do texto com o conceito de liberdade, são ações de uma mulher que precisa de seu tempo, necessita sair do espaço físico mesmo de forma temporal, férias, compreendendo que “Lá fora” existem outras possibilidades, nem que sejam por um período.

O campo semântico envolve as relações do texto ao mundo e a conexão entre ambos, realizando no léxico da língua, ajuste e formas linguísticas como um representativo do sentido. Assim, o campo semântico se constrói na interpretação do significado do termo Liberdade, inserido em um contexto e respeitando a intencionalidade autoral.

Toda liberdade pressupõe uma prisão de um espaço físico ou sentimental, as relações metafóricas presente no texto, correlacionada a prisão estabelece um contraponto com a liberdade.

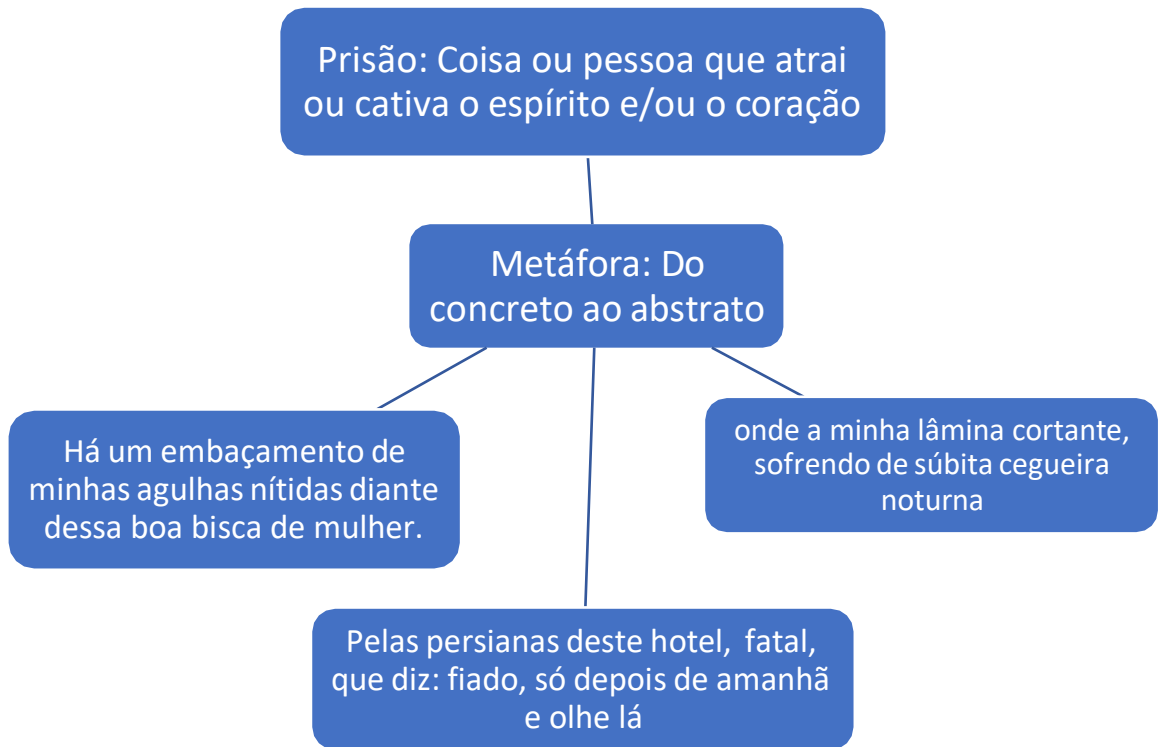
Para o Dicionário Aurélio (1986):

1. Ato ou efeito de prender; captura. 2. Cadeia. 3. Recinto fechado; clausura.
4. Corda com que se prende. 5. Vínculo, peia, laço. 6. Dificuldade nos movimentos e/ou atos naturais. 7. Coisa ou pessoa que atrai ou cativa o espírito e/ou o coração.

Para Oxford Languages (2023)

1. ato ou efeito de prender; captura, aprisionamento, detenção. 2. estado de preso; cativoiro”.

Quadro 2 – Prisão, metáfora.



Fonte: produção própria, 2023

O significado de prisão se vincula a posição do sujeito, que se encontra cativo por sentimentos, contudo a relação entre o concreto e abstrato se reproduz por dores, comportamentos e até mesmo de julgamento pessoal. Os termos como agulha, fiados só depois de amanhã, lâmina cortante são elementos concretos, de dores sentidas e representativas do cativoiro que aciona o desejo de liberdade.

Assim, o poema de Ana Cristina é formado por uma intrincada rede de associações que aciona a continuidade de sentidos, unidos por rede de unidades linguísticas, relacionadas a dado contexto cultural, permitindo a interação entre prisão e liberdade. São vivências e realidades promovida através da linguagem, como forma de organizar e interpretar o mundo diretamente através do contexto de produção. Nesse sentido, da comunhão de produção do texto e a interrelação com o contexto criam-se os significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os campos semânticos envolvem as relações entre texto e sentido, apresentando a conexão entre ambos e ajustando as formas linguísticas como representações significativas. Esse processo busca evidenciar e produzir relações externas, levando em consideração tanto o contexto anterior quanto o posterior ao termo em análise para a construção do significado.

O poema "Lá Fora" de Ana Cristina César é uma complexa imbricação de espaços linguísticos. A cada passo, a cada momento, uma nova interpretação da produção poética dessa mulher é revelada. Ana Cristina viveu e vivenciou o processo político ditatorial, e sua relação com a realidade, junto com sua intelectualidade, a transforma em uma questionadora de si mesma, do papel da mulher e das frustrações presentes no sistema organizacional de uma sociedade patriarcal.

Ao analisar o poema a partir dos sentidos de duas unidades linguísticas, "liberdade" e "prisão", percorremos um terreno pantanoso que são as relações de significado no mundo. A imbricada rede de palavras, quando associada a um sentido, produz uma leitura diferenciada. A cada passo, observamos que a voz feminina vai além de um conjunto de palavras unificadas para efeitos impactantes. São revelações de desejo, de dores, de Ana Cristina César.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Virgínia B. B. **Semântica, enunciação e ensino**. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2018. E-book. Disponível em: <http://edufes.ufes.br/items/show/481>. Acesso em: 01 nov. 2018.
- CORRÊA, Renata Rodrigues. **O ensino das figuras de linguagem no último ano do ensino fundamental**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60703/000862303.pdf?sequence>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática Nova**. São Paulo: Ática, 1992.
- GONÇALVES, Daniel José. **O desbunde como manifestação política: A identidade de gênero na obra de Ana Cristina Cesar**. Mestrado em Letras, Curitiba, 2008. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/17630/Ana_C_Cesar_3_Final.pdf?sequence=1. Acesso em: 09 set. 2023.
- KOCH, Ingedore Vilaça. **A inter-ação pela linguagem**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- LITERATURA MARGINAL**: um grito para o mundo. Disponível em: <https://homoliteratus.com/literatura-marginal-um-grito-para-o-mundo/>. Acesso em: 08 set. 2023.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MENDES, Paula. “**Metáfora**”. In: CEIA, E-dicionário de termos literários. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metafora.htm>. Acesso em: 02 dez. 2023.
- MOIRA, Amara. **A teus pés de Ana Cristina Cesar**. Disponível em: <https://descomplica.com.br/d/vs/aula/a-teus-pes-de-ana-cristina-cesar/>. Acesso em: 08 set. 2023.
- PERINI, Mário A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Lingua[gem]; 17).
- PECANHA, Érica. **Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena**. São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 09 out. 2023.

PINTO, Deise Cristina de Moraes; COELHO, Fábio André Cardoso; RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro: São Francisco, 2020.

Sérgio Vaz. Entrevista. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/revista-digital/artigo/42/entrevista-sergio-vaz>. Acesso em: 27 out. 2023.

RECTOR, Mônica. **Manual de semântica** / Mônica Rector e Eliana Yunes – Rio de Janeiro. Ao livro Técnico, 1980.

SILVA, Daniel Neves. **Feminismo no Brasil**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>. Acesso em 29 de outubro de 2023.

SOUZA, Warley. "**Ana Cristina Cesar**". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/ana-cristina-cesar.htm>. Acesso em 29 de outubro de 2023. - "Biografia de Ana Cristina Cesar".

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil** / Maria Amélia de Almeida Teles. – São Paulo. Brasiliense, 1999 – (Coleção tudo é história / 145)

ULLMANN, S. (1977) **Semântica. Uma introdução à ciência do significado** [Semantics, an introduction to the science of meaning]. 4. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.